



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Maria da Ascensão Chalupa de Andrade Botelho Soares de Albergaria (Ponta Delgada, 27 de maio de 1897 - 9 de setembro de 1970). Natural da freguesia de S. Pedro, nasceu no seio de uma família abastada. Era filha de José de Andrade Albuquerque Botelho, proprietário e de Maria Amélia Afonso Chalupa Botelho, então residentes na Rua das Cabaças. Desde muito nova, Maria da Ascensão manifestou naturais aptidões para o canto, apresentando-se, pela primeira vez em público, no Teatro Micaelense, com apenas seis anos de idade. Mais tarde, viria a ser aluna de Isabel de Chaves e Melo, prestigiada cantora micaelense que, após ter estudado *Bel-Canto* e de ter atuado em palcos do Brasil e da Itália, regressara à sua terra natal, casando com um empresário do Teatro Micaelense e tornando-se professora de canto e de piano.

Sob orientação de Isabel de Chaves e Melo, Maria da Ascensão realizou vários concertos em Ponta Delgada e participou na estreia do Coliseu Avenida, em 1917. Em 1918, casou com José Soares de Albergaria, também natural de Ponta Delgada e que se formara em engenharia elétrica, pela universidade norte-americana de Somerville. Apreciador de música, era pianista amador. Neste mesmo ano, numa esplendorosa *garden party* oferecida pelo Alto Comissário da República, General Simas Machado, na sua residência oficial, e na qual estiveram presentes figuras como o Almirante Dunn, comandante da Base Naval Americana e a consulesa britânica Maud Hayes, Maria da Ascensão fez ouvir a sua voz de soprano lírico

“arrancando grandes ovações à assistência, conquistada pelo poder da sua arte” (*A República*, 10/07/1918). A cantora foi acompanhada, ao piano, pela sua mestra, Isabel de Chaves e Melo que se pôde orgulhar da discípula, numa festa que marcou a cidade e a alta sociedade de então.

Em 1924, e após se ter diplomado no Conservatório de Milão, onde teve como professor Mário Maulino Malatesta, Maria da Ascensão realizou um concerto no Salão do Conservatório Nacional de Lisboa, seguindo-se significativas atuações nos Açores e na Madeira. Em 1927, a cantora micaelense partiu em digressão pelo Brasil onde, ao longo de catorze meses, realizou recitais em mais de quarenta cidades, sempre acompanhada, ao piano, pelo marido, José



► Maria da Ascensão Botelho Soares de Albergaria (Revista Insula, nº 16, Abril de 1933).

Soares de Albergaria. De acordo com Ana Paula Andrade, no Rio de Janeiro terá celebrado contratos, com a Casa Odeon, para a gravação de discos e para gravações na Emissora da Rádio Difusão. Segundo um crítico do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, a sua voz era “de difícil classificação, pela sua originalidade que provém do facto de ter na primeira metade da sua escala um timbre de soprano lírico, ao passo que a parte superior apresenta-se com puro timbre de soprano ligeiro e magnífica extensão”. Conhecida como “o rouxinol dos Açores”, foi convidada para outras digressões artísticas, no estrangeiro, mas acabou por recusá-las dado que o seu papel de mãe superou o de artista, com uma carreira internacional. Maria da Ascensão regressou a Ponta Delgada, para acompanhar um dos filhos que estava gravemente doente e que acabou por falecer. Passou, então, a dedicar-se ao ensino e ao longo dos anos 30 e 40 abrilhantou audições radiofónicas, por vezes acompanhada dos seus alunos (*Insula*, 1933). Em 1961, ficou viúva, vindo a falecer nove anos mais tarde. Deixou uma filha, de seu nome Eduarda.

Susana Serpa Silva

Recomendamos a leitura

Já tendo recomendado ao leitor diversas obras sobre as mulheres no mundo da música, recomendamos hoje trabalhos que versam sobre as mulheres no mundo do teatro.

Em primeiro lugar, de Eugénia Vasques o livro *Mulheres que Escreveram Teatro no Século XX em Portugal*, publicado em 2001, onde a autora faz um levantamento de nomes, datas e textos dentro desta temática.

Da Coleção Biografias do Teatro Português, da Imprensa Nacional Casa da Moeda, recomendamos 2 volumes. O primeiro, da autoria de Joana D’Eça Leal intitulado *Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro*, fala sobre a companhia fundada e gerida pelo casal Felisberto Manuel Teles Jordão Robles Monteiro (mais conhecido por Robles Monteiro) e Amélia Rey Colaço. Esta construiu uma carreira na representação, tornando-se um nome incontornável no neste meio em Portugal. Recomendamos, também, o quarto volume desta coleção de Ana Isabel Vasconcelos intitulado *Emília das Neves*, que se debruça sobre a vida da mais notável atriz portuguesa do século XIX.

Finalmente, de Fernando Matos Oliveira, o artigo *A mulher no teatro da República*, publicado no nº14 de Dezembro de 2010 da Revista Sinais de Cena, que pode ser descarregado para leitura digital em <https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12769>. Neste o autor reflete sobre a realidade feminina no teatro português, durante a Primeira República.

Boas leituras!

Bruna Valério



Sabia que...

Embora o teatro seja uma das expressões artísticas mais antigas da Humanidade, em Portugal, o seu desenvolvimento teve início nos alvares da Idade Moderna, com o dramaturgo Gil Vicente. O efémero Teatro Real do Paço da Ribeira viria a ser inaugurado, em Lisboa, em abril de 1755, para o terramoto, alguns meses depois, o destruir. Foi então no auge do Romantismo que, graças a Almeida Garrett, as artes cénicas portuguesas conheceram um verdadeiro impulso, quando o escritor fundou o Conservatório Geral de Arte Dramática, mandou edificar o futuro Teatro Nacional D. Maria II e criou a Inspeção Geral dos Teatros.

Até aqui, a presença feminina era uma raridade, pois, durante séculos, atores, encenadores, dramaturgos, empresários eram homens, salvo raríssimas exceções de femininas a coberto do uso de pseudónimos. Esta particularidade, fazia do teatro um mundo masculino. Exceção notável, no período romântico, foi protagonizada pela “Linda Emília”, considerada a mais marcante atriz portuguesa, do século XIX. Ainda hoje, o seu busto figura, no átrio do Teatro Nacional, entre outros, masculinos, de grande relevo do teatro oitocentista. Quem era a “Linda Emília”? Nascida, em Benfica, nos arredores de Lisboa, no histórico ano de 1820, era filha de Manuel de Souza, natural da ilha Terceira, nos Açores e de Benta de Sousa, natural daquela cidade. Criada, pois, no seio de uma família humilde, pouco se conhece da sua infância e juventude, mas consta que seria analfabeta quando pisou um palco, pela primeira vez, aos 18 anos de idade. São muitas as interrogações que se colocam quanto ao modo como chegou ao teatro, mas, pelas descrições que existem, Emília era uma mulher bonita e elegante e com uma personalidade muito forte. Sabe-se que manteve uma longa relação com Luís da Câmara Leme, sem nunca terem contraído matrimónio. Entre os anos 40 e 70 de oitocentos, Emília das Neves representou mais de duzentos papéis, em palcos de Lisboa, do Porto e de inúmeras cidades portuguesas, para além de Espanha e do Brasil. Granjeou um enorme reconhecimento público e uma grande pléiade de admiradores, contando-se, entre eles, o próprio Almeida Garrett, Alexandre de Castilho, Latino Coelho, Camilo Castelo Branco, Moniz Barreto, Antero de Quental e muitos outros. Pelo seu talento, Emília integrou logo o elenco do Teatro Nacional D. Maria II e, ao longo da sua longa carreira, foram inúmeras as críticas favoráveis e os rasgados elogios às suas qualidades como atriz. Em 1878, foi-lhe concedida, pelo Ministério do Reino, uma reforma de 72.000 réis mensais. Problemas de saúde acabaram por afastá-la dos palcos, vindo a falecer em 1883.

O exemplo de Emília das Neves é muito mais uma exceção do que a regra. Outras atrizes existiram, mas sem o mesmo protagonismo e projeção. Além disso, eram olhadas de soslaio, associadas, amiúde, a comportamentos libertinos e reprováveis. Mesmo ao longo da Primeira República, onde sopraram ventos de maior modernidade, a situação das atrizes continuaria a ser ambivalente, balizada entre a aclamação e a rejeição. Um caso a destacar foi o de Ester Leão, filha do diplomata republicano Eusébio Leão, considerada uma atriz singular, mas a quem a própria família tentou travar a vocação, encomendando uma “pateada” para boicotar a sua estreia nos palcos de Lisboa.

Susana Serpa Silva